

As Raízes Históricas do MTST

Jean Isídio dos Santos*

Esse artigo tem como propósito refletir sobre as raízes históricas do MTST¹. Para isso faremos um percurso breve buscando entender que fatos históricos levaram ao seu surgimento propiciando a fundação práticas e ações coletivas. O modo de produção capitalista tem como objetivo vital ampliar cada vez mais a sua produtividade e diminuir a queda da taxa de lucro em cada ciclo de crise histórica. Com o ciclo da crise de 1960-1970 e a queda da taxa de lucro foi necessário o surgimento de um regime de acumulação que atendesse às necessidades de superação da crise do capitalismo. Nesse contexto, ocorreu uma readequação que culminou num processo de reestruturação produtiva do capital que deu início à reprodução ampliada do capital por meio da acumulação integral. O processo histórico de desenvolvimento capitalista altera e promove mudanças nas relações de produção, de distribuição e acumulação de capital e as consequências diretas são, justamente, as mutações que ocorrem nas classes sociais fundamentais e demais classes da sociedade capitalista, fato que gera um impacto profundo nos movimentos sociais (VIANA, 2017).

Compreender os regimes de acumulação e as transformações profundas que eles geram na sociedade é fundamental, já que tal entendimento revela aspectos do verdadeiro caráter dos movimentos sociais, sobretudo da dinâmica política do MTST no Brasil. Quanto mais dinâmico, mais reestruturado se torna o modo de produção capitalista, mas devemos levar em conta que esse modo de produção não é eterno. Sendo assim, ele busca aumentar sua taxa de lucro e em contrapartida as consequências sociais são catastróficas, sobretudo para as classes inferiores que são as que mais sofrem com o processo de reestruturação do capitalismo. Conforme o regime de acumulação integral se consolida, mais amplo e profundo é o alcance da marginalidade, dos lumpemproletários, da pobreza, da miséria, dos sem-teto e tal fato foi o que gerou no Brasil nos anos 80 e 90 uma explosão de movimentos populares urbanos (BRAGA, 2013; SANTOS, 2008).

O crescimento da pobreza, da miséria, do desemprego, entre outras consequências sociais levaram milhares de pessoas a perambularem pelas ruas ou a morarem debaixo de

* Doutor em Sociologia UFG, professor efetivo da UEG-Uruaçu.

¹ MTST – Movimento Social dos Sem-Teto.

pontes ou construções abandonadas nas metrópoles do Brasil. Tal condição social possibilitou que milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade ingressassem em movimentos sociais urbanos e também nas suas ramificações no intuito de lutar por moradia. Com isso, muitos indivíduos das classes inferiores passaram a aderir à luta nos grandes centros urbanos do país, dentre eles a cidade de São Paulo. O crescimento dos movimentos sociais se deu devido a uma série de fatores, dentre eles, o fato dos partidos políticos de esquerda, os sindicatos e até ONGs não corresponderem às expectativas de luta das classes inferiores. O processo de emparelhamento e cooptação ficou em evidência por parte dos sindicatos e partidos no período posterior à redemocratização no Brasil. Instituições como a CUT² e o PT³, que apesar de apoiar e respaldar as lutas do MST⁴ e do MTST, não tinham credibilidade para aglutinar uma força política que fosse capaz de unir os movimentos sociais no intuito de realizar atos, passeatas, piquetes, greves e fazer pressão frente ao Estado. A autora Goulart (2011), realiza uma análise nesse sentido.

Porém, a última década do século XX, no Brasil, representou um período bastante delicado para os movimentos sociais, pois, ao mesmo tempo, ganhava visibilidade na sociedade brasileira, com um projeto de ampliação dos direitos sociais, e chocava-se com o neoliberalismo regressivo do governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Foi um período de reconfiguração das lutas sociais no Brasil. No campo sindical, o surgimento e crescimento da Força Sindical, como central de apoio à política neoliberal e de cunho patronal, além da mudança de posicionamento da CUT, que partiu de um sindicalismo de oposição para um sindicalismo de participação, ou cidadão (BOITO, 1999), nos termos da própria central. Ao mesmo tempo, processava-se a metamorfose do PT, que chegava ao fim dos anos 90 caracterizado, não por poucos, como um partido da ordem (IASI, 2006). Se, de um ponto de vista das disputas político-sociais, as organizações de trabalhadores estavam vacilantes quanto à forma de enfrentamento do projeto neoliberal e, em alguns casos, em um caminho de adesão branca a esta política, de outro ângulo, as condições de empobrecimento da população indicavam que a luta popular tinha um terreno fértil para as ações reivindicativas, sobretudo aquelas dirigidas à melhoria das condições de vida emergenciais (GOULART, 2011, p.26).

A intensificação do neoliberalismo no Brasil no decorrer dos anos 90 criou um cenário propício para a reconfiguração dos movimentos sociais urbanos, uma vez que nesse contexto histórico e repressivo de crise econômica, os movimentos tiveram que buscar uma

² CUT – Central Única dos Trabalhadores.

³ Partido dos Trabalhadores.

⁴ MST- Movimento Sem Terra.

ressignificação de suas práticas políticas cujo norte voltava-se para a autonomização, Goulart (2011), não aprofunda as críticas aos partidos e aos sindicatos, apenas faz referências apontando que a CUT se tornou um sindicato de apoio ao governo e o PT configurou-se como um partido da ordem. De tais instituições não se deve esperar outra coisa, visto que suas práticas sempre foram vigentes na constituição interna tanto da CUT quanto do PT. O que deve ser ressaltado é que tal contexto, marcado pelo empobrecimento, pela miséria dos trabalhadores e pelo desemprego crescente, ampliava o leque de possibilidades e constituía-se como um terreno fértil para as ações de reivindicação urbanas emergenciais das classes (GOULART, 2011). Tais condições históricas foram vitais para o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto em meados dos anos de 1990 na cidade de Campinas em São Paulo. Tal iniciativa concretizou-se no ano de 1997 durante a realização da *Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça*⁵ organizada pelo MST que realizou uma grande passeata envolvendo milhares de pessoas. É importante destacar que o MTST surgiu na segunda metade da década de 1990, fato que coincide concomitantemente com as atuações dos Movimentos de Sem-Teto do Centro de São Paulo o (MSTC)⁶. Enquanto o MSTC e o MMC⁷ atuam diretamente nas ocupações de prédios e casas da região central de São Paulo, o MTST atua em regiões mais periféricas, nos chamados latifúndios urbanos.

O campo de atuação do MTST não é no centro, mas sim nas regiões periféricas da cidade de São Paulo. É nas periferias que o MTST realiza a ocupação de terrenos, organiza os acampamentos, define estratégias que se assemelham bastante com as formas de atuação do MST. As práticas políticas, os discursos, o tipo de articulação, as iniciativas e suas origens

⁵ A Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça foi realizada no ano de 1997. A Marcha foi organizada pelo MST e tinha como objetivo protestar contra a política agrária do governo, a exclusão social, e lembrar o massacre ocorrido em Eldorado dos Carajás que teve como resultado um confronto que levou à morte de 19 trabalhadores rurais. Uma das colunas de trabalhadores saiu de São Paulo com cerca de 600 integrantes. A segunda coluna de trabalhadores saiu de Governador Valadares (MG), com cerca de 400 pessoas, a terceira saiu de Rondonópolis com cerca de 300 pessoas rumo a Brasília.

⁶ MSTC surge a partir da Unificação das Lutas e Cortiços (ULC) que pode ser considerada a matriz dos movimentos dos sem-teto da região central de São Paulo. Após algumas dissidências da ULC destacam-se dois movimentos que atuam no centro o (MMC) Movimento de Moradia do Centro e o (MSTC) Movimento Sem-Teto do Centro que ocupam prédios e casas abandonadas.

⁷ Sobre o processo de ocupação da região central de São Paulo, o documentário *À Margem do Concreto* (2005) do diretor brasileiro Evaldo Mocarzel, constitui-se como um importante documento histórico visual sobre as experiências de luta dos Movimentos dos Sem-Teto. O documentário é um importante registro visual das formas de atuação dos militantes que promoveram atos de ocupação no início dos anos 2000 no Brasil na luta pela moradia. As ocupações de moradores e ex-moradores de rua são representadas e abordadas tendo como foco o *modus operandi* das formas de atuação, das reuniões chegando até o provável enfrentamento com a polícia.

estão insidas num campo gravitacional de experiências próximas ao MST (MIAGUSKO, 2012). O MTST tem sua matriz genética no MST. Ele é derivado de um esforço coletivo e de uma necessidade de aglutinar os movimentos urbanos de luta por moradia que encabeçaram a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça que surgiu o MTST como uma organização vinculada organicamente ao MST. Vamos observar a análise realizada por Miagusko (2012), sobre essa questão.

O contexto de mudança da “linha política” do MST era duplo: primeiro, o processo de urbanização sucedido nas últimas décadas deslocava a luta pela reforma agrária para a disputa por apoio nos meios urbanos; segundo, o contexto das relações Estado e movimentos sociais impulsionava o MST ao lugar de principal movimento social no Brasil em oposição às políticas do governo de Fernando Henrique Cardoso. O ano anterior resultara num quadro de enfraquecimento do movimento sindical, a partir da derrota da greve dos petroleiros. Nesse contexto, os sem-terra assumiam um papel destacado e, depois da Marcha a Brasília, suas ações conquistavam inédita simpatia em determinados setores urbanos. Os sem-terra, a partir da luta pela reforma agrária, passavam a organizar um campo gravitacional mais amplo de práticas e discursos, que teriam influência nas cidades (MIAGUSKO, 2012, p. 256- 257).

O MTST originou-se desse campo gravitacional, a partir de um vínculo com o MST, já que os militantes do MTST que fundaram o movimento eram providos do MST. Tal fato explica a forma e a semelhanças de atuação do MTST com o MST, já que as experiências de lutas foram compartilhadas e adaptadas para serem efetivadas no espaço urbano. A experiência de ocupações, marchas, greve, piquetes, fechamentos de rodovias, ou seja, toda a prática que já existia no MST que atua no campo, foi pensada, trazida, herdada e implementada internamente no MTST que no decorrer dos anos 2000 tornou-se uma das maiores organizações dos movimentos urbanos da América Latina. A *Marcha Nacional* de 1997 teve como consequência vários desdobramentos e embates internos no MST, que levou alguns setores a apontarem para a necessidade de uma organização urbana e efetiva que fizesse frente na luta por duas demandas iniciais, a primeira foi a luta contra o desemprego e a segunda foi voltada para a questão habitacional.

O MTST de fato surge como uma organização urbana vinculada organicamente ao MST. Os militantes que deram origem ao MTST eram militantes que o MST liberou para atuar no espaço urbano pelo MST. Isso em 1997 tem o processo da marcha popular pelo Brasil, construída pelo MST e no processo da marcha setores do MST, a direção nacional do MST aponta a necessidade de uma organização urbana. E começa uma complexa discussão no Movimento Sem-Terra a esse respeito. E um dos instrumentos

criados foi oMTST, que surge efetivamente do interior do MST. Mas o próprio desenvolvimento da luta do MTST levou à necessidade de uma autonomia. (VIRGÍLIO apud MIAGUSKO, 2012, p. 257).

Observamos pela fala de um dos dirigentes do MST que havia uma necessidade de articular e impulsionar a criação de um movimento nas cidades voltado para atender as demandas urbanas e que se projetasse numa luta nacional que extrapolasse os limites de São Paulo. A Marcha de 1997 constituiu-se como um marco de aproximação do MST com os movimentos urbanos por moradia. Por outro lado, o MTST reconhece que tem dentro de si o código genético do MST e que a metodologia que o MST possui para construir um acampamento é um grande aprendizado de luta popular (BENOIT, 2002).

A construção de um movimento urbano foi concretizada pelo MTST, que desde sua formação teve referência política e organizacional no MST, mas que no decorrer do tempo, na medida em que as lutas foram se ampliando buscou sua autonomia e independência. A dinâmica de luta no meio urbano era diferente em vários aspectos já que a periferia tem um ritmo diferenciado, com problemas sociais diversos, tais como a violência, tráfico de drogas, organizações criminosas, desemprego, falta de saneamento básico, etc. A construção de um novo instrumento de luta foi proposta inicialmente sob duas perspectivas, como meio de obter apoio e organização dos trabalhadores: uma delas, a organização de trabalhadores desempregados, e, outra, pela organização dos trabalhadores atingidos pela questão habitacional (SILVA, 2014). A princípio o MTST se constituiu unindo as duas bandeiras emergenciais das classes inferiores⁸ naquele contexto, ou seja, o movimento surge para atender dois problemas sociais graves, a questão da moradia e o problema do desemprego.

Tais demandas se intensificaram com o desenvolvimento do neoliberalismo no Brasil, fato que atingiu drasticamente as classes inferiores que ao ficarem sem emprego, sem perspectiva de vida e em trabalhos informais. Diante dessa realidade, eles foram constituindo a categoria dos sem-teto. No entanto, não se pode restringir as pautas de bandeira de lutado MTST somente à questão da moradia e do desemprego. Essas demandas são centrais nos objetivos da organização, mas elas abrem precedentes para a luta se ampliar para demais questões que estão diretamente ligadas à vida dos moradores das periferias urbanas.

⁸ As classes inferiores são a proletária, camponesa, lumpemproletária, subalterna, entre outras, conforme (VIANA, 2016).

A nomeação do MTST também procura refletir esse esforço de diferenciação em relação a outras ramificações dos movimentos por moradia. Assim, ele não se define como movimento de moradia e sim como movimento popular urbano, que enfrenta questões relativas à vida dos moradores das periferias urbanas (MIAGUSKO, 2012). Apesar da motivação inicial do MTST ser a carência e a luta por moradia, ele se apresenta como um movimento de abrangência mais ampla, sendo, portanto, um movimento popular urbano. É o que destaca Oliveira; Barcelos (2010)

Assim, diferentemente dos movimentos dos sem-teto do centro que nascem de uma reivindicação, a saber, a moradia, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto é criado por um outro movimento e com o intuito de não lutar somente por moradia, mas sim ter uma plataforma reivindicativa ampliada. A questão da habitação acaba se tornando um ou o centro das preocupações e isto é usado pelo movimento como estratégia para ir se organizando e ampliando um processo de formação política (OLIVEIRA; BARCELOS, 2010, p. 28).

Esse movimento popular foi se estruturando no decorrer das lutas e no compartilhamento das experiências e práticas, buscou se constituir com uma bandeira central de luta pela moradia, mas que tende a ser ampliada para atender às classes inferiores. O MTST se autointitula como um movimento popular que busca mobilizar e dar forma às diversas reivindicações do povo pobre.

Num primeiro momento nós entramos lá através da moradia, havia risco de despejo, nós organizamos a comunidade, ocupamos a secretaria de habitação, seguramos o despejo – e agora, o trabalho que nós estamos fazendo lá estamos construindo o barracão para fazer oficinas, cinema, atividades culturais regulares. Outras comunidades que nós nem entramos a partir dos problemas da moradia: a Vila Esperança, na divisa de Taboão aqui com São Paulo, que nós entramos lá para discutir urbanização, melhorias urbanas. Entramos lá para discutir asfalto, água, luz e estamos construindo barracão. Essa é uma política que nós temos adotado: tentar construir barracão, como sendo um espaço político de convivência coletiva, de construção de formas de atuação (MIAGUSKO, 2012, p. 259-260).

O MTST no seu processo de constituição buscou colocar a demanda por habitação no cerne de suas reivindicações, mas sua estratégia política foi se ampliando num processo de formação política. No depoimento, um dos líderes enfatiza que a ocupação se constitui como uma das primeiras formas de ação, mas que para além dela, novas estratégias são efetivadas e estendidas. Nesse caso, a ocupação torna-se o locus de convivência coletiva, de formação política e de construção de formas de atuação do movimento.

Em primeiro lugar, o MTST tem como propósito fundamental a ocupação do espaço (terrenos vazios ou abandonados), e, posteriormente, novas demandas vão surgindo. A mais imediata é a luta pela construção de um barracão⁹, posteriormente a sociabilidade se amplia na busca por melhorias, na construção de oficinas, cinema e outras atividades culturais que são fundamentais para consolidar os laços entre os integrantes do movimento. Sem embargo, notamos que duas bandeiras de luta são, de fato, constitutivas no processo de formação do MTST, a saber “a questão da moradia e o trabalho” que atingia as classes inferiores, neste caso, especificamente o trabalhador sem-teto das grandes metrópoles. O processo de reestruturação produtiva e desenvolvimento do regime de acumulação integral se agravaram no Brasil nos anos de 1990, gerando uma série de consequências sociais sem precedentes. A implementação do neoliberalismo em oposição ao Estado do bem-estar social, o corte e a completa redução dos investimentos estatais nas questões sociais que gerou o aumento do desemprego, da pobreza, da violência, do lumpemproletariado que não tinha condições mínimas sequer de pagar aluguel, muito menos de comprar seu próprio imóvel.

Tais condições foram fatores propulsores do aumento dos movimentos populares urbanos e suas ramificações. O aumento exponencial da pobreza eleva o número de marginalizados nas cidades capitalistas. Diante de tal quadro agravante, a saída encontrada por estas famílias foi buscar novas alternativas na luta pela sobrevivência passando a ocupar prédios abandonados, glebas¹⁰ grandes lotes nas zonas limítrofes das capitais, aumentando radicalmente o processo de favelização.

Essa conjuntura histórica foi propícia para aglutinar os interesses imediatos de grande parte dos indivíduos marginalizados socialmente em torno do MTST. Tal ramificação se formou a partir da necessidade de se construir uma correlação de forças em oposição às políticas neoliberais do Estado. Sendo assim, o MTST tinha em seu bojo duas funções principais: organizar os trabalhadores citadinos e aglutinar as lutas já existentes no espaço urbano (GOULART, 2011, GIAQUINTINO, 2016). Uma das principais práticas do MTST é a denomear os acampamentos com o nome de trabalhadores que morreram em luta,

⁹ Os barracões são construídos por meio dos mutirões entre os acampamentos. Trata-se de construções improvisadas, feitas de madeira e lona preta. São construções feitas sem a preocupação de uma durabilidade, já que em grande parte dos assentamentos existem ordem de despejo judicial, obrigando-os aderrubar tais barracões.

¹⁰ As glebas são extensões territoriais, lotes de terras que ainda não foram judicialmente divididas, logo, desprovido de urbanização, a gleba é uma terra crua, sem qualquer regulamentação ou adequação às leis no Brasil.

personagens e líderes históricos que ficaram conhecidos. É o caso, por exemplo, do acampamento Carlos Lamarca, Che Guevara, Chico Mendes e Oziel Pereira. Além desses nomes é típico também o uso do nome de mulheres que se tornaram referência e símbolo de luta como Anita Garibaldi e Rosa Luxemburgo, das quais seus nomes foram usados para determinadas ocupações do MTST.

O processo de expansão nacional do MTST ocorreu de forma gradativa e lenta, posterior à Marcha de Brasília, no decorrer do fortalecimento das suas ocupações iniciais, de uma série de marchas e protestos, a organização foi ganhando projeção nos meios oligopolistas de comunicação, fato que deu visibilidade às lutas e possibilitou a formação e a proliferação dessa ramificação em outras capitais, tais como Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, etc. O início dos anos 2000 foram cruciais para o aprimoramento das ações, da estruturação e ampliação do MTST, que desde seu surgimento já tinha como propósito a ampliação da luta em todo o território nacional, constituindo-se como uma das maiores organizações dos movimentos populares urbanos no Brasil. Foram anos desafiadores para o MTST que tinha como objetivo o amadurecimento das lutas e busca por demandas que lhe dessem características singulares em relação aos demais movimentos.

O MTST teve como desafio, no início dos anos 2000, criar sua própria identidade (criação de um regimento interno, cartilha de princípios, etc.) e, com isso, adquirir características próprias de organização, táticas de ocupação, criação de um símbolo que constituísse a identidade do movimento, projetos de luta que o diferenciasse do MST ou do MTST do centro de São Paulo. Em tal contexto histórico, o MTST já tinha uma base social heterogênea composta por indivíduos desempregados, marginalizados, lumpemproletários, ou seja, grande parte de sua base era formada pelas classes inferiores, pela população pobre das periferias das grandes e médias cidades que lutavam por emprego e por moradia. O MTST surgiu então da necessidade de aglutinar as demandas da população pobre que se encontrava sem perspectiva de organização e objetivos definidos de luta.

A organização procurou ter demandas diferentes com relação à atuação dos movimentos dos sem-teto do centro de São Paulo cuja tática era a de ocupar prédios abandonados na região central. Desde a sua constituição inicial, o MTST procurava não ser identificado com os movimentos “municipalistas”, ou seja, movimentos que formam sua base em determinados municípios com a pretensão de conquistar funções dentro dos partidos políticos. Na verdade, o movimento foi taxado de “estrangeirismo” pelo fato de surgir como

uma organização nova em relação às que já existiam e de se diferenciar pelas suas práticas de não alinhamento com a política institucional. O MTST surge para fazer frente a esses movimentos “municipalistas”, operando, pelo menos nos objetivos declarados¹¹, numa outra lógica de fazer política. Além disso, o movimento procurava não disputar espaço com movimentos de moradia já consolidados na cidade de São Paulo, optando por atuar na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) (GOULART, 2011).

Fizeram então um plano, de realizar grandes ações nas regiões do ABC Paulista, de Guarulhos e de Osasco, criando um cinturão de lutas. A cada ação crescia o número de militantes que desejava lutar conosco e levantar a mesma bandeira que nós e depois do Acampamento Anita Garibaldi, já eram em número suficiente para se dividir e atuar nas outras duas áreas de importância para o movimento (MTST, 2005).

A cartilha do movimento deixa claro os objetivos (declarados) da luta e aponta para a necessidade de se iniciar um trabalho abrangente na região da grande São Paulo. Trata-se de criar um cinturão de lutas na grande São Paulo, a partir da noção de “latifúndios urbanos”, fato que fez com que o MTST priorizasse as grandes ocupações de terra. Nota-se que as ocupações do MTST ocorreram fora do centro de São Paulo e priorizaram grandes áreas e terrenos do “cinturão” urbano (MIAGUSKO, 2012). Ao contrário de outros movimentos de ocupação o MTST procurou estrategicamente fazer da ocupação não apenas um espaço de moradia para as famílias, mas também um espaço de formação cultural e política, em busca de ações coletivas que buscassem realizar pressão para a conquista de unidades e programas habitacionais.

A Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), desde os anos de 1990 sofreu como deslocamento e fechamento de fábricas que migraram para outras regiões do país, ficando tais áreas ociosas e com condições sociais bem precárias. Tal situação criou condições históricas propícias para a intensificação das lutas por moradia. Foi justamente nesse cenário que o MTST realizou enfrentamentos numa queda de braço desproporcional com setores do capital imobiliário, que tinham interesses em mercantilizar esses latifúndios urbanos. O MTST surgiu num contexto marcado pela atuação efetiva dos movimentos sociais no Brasil, tanto no campo quanto na cidade. Além disso, o contexto do seu surgimento foi marcado pelo desgaste, pelo descrédito generalizado dos trabalhadores nos sindicatos, partidos e

¹¹ Esse é o discurso inicial de quando o MTST foi fundado. Observar as incoerências entre os objetivos reais e declarados (ETZIONI, 1973, SILVA, 2019, TELES, 2019).

Estado. Nessa linha reflexiva ele se consolidou como uma força expressiva e mobilizadora das regiões periféricas do Brasil, fato que o levou ao patamar de uma das maiores ramificações da América Latina. Com o decorrer das ocupações o movimento foi se expandindo e se consolidando como uma força de mobilização de norte a sul, e, quanto mais ele cresceu mais problemas internos ficaram em evidência. Mas tais questões abordaremos em outros textos.

Referências

BENOIT, H. *O assentamento Anita Garibaldi: entrevista com lideranças do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)*. Revista Crítica Marxista. São Paulo, nº14, p. 134-149, 2002.

BRAGA, L. *Classes em Farrapos: Acumulação Integral e Expansão do Lumpemproletariado*. São Carlos do Pinhal, SP: Pedro & João Editores, 2013.

GIAQUINTINO, Marina Ferreira. *Tornando-se Um “Acampado”: A Experiência das Famílias Organizadas Pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, UFSCar, 2016.

GOULART, Débora Cristina. *O Anticapitalismo do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST*. Tese (Tese de Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista. Marília: Unesp, 2011.

MIAGUSKO, E. *Movimentos de Moradia e Sem-Teto em São Paulo: Experiências no Contexto do Desmanche*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo. 2008.

OLIVEIRA, Naia, BARCELLOS, Tânia. *O Uso Capitalista do Solo Urbano*. Porto Alegre, Revista Ensaios FEE, 1987. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1144/1482> acessado em: 26/09/2017.

SANTOS, Regina Bega dos. *Movimentos sociais urbanos*. São Paulo: Unesp, 2008.

SILVA, Simone Conceição da. *A Atualidade da Criminalização Produzida sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST: O Caso do Acampamento Chico Mendes*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UNESP, Marília, 2014.

VIANA, Nildo. *Marx e a Burocracia*. Revista Plurais Virtual, v. 5, nº 1 e 2, jan/dez 2015., Disponível em:

<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/5728> acessado em 20/09/16.

VIANA, Nildo. Movimentos Sociais e Organizações Mobilizadoras. Espaço Livre, v. 12, n° 23, jan/jul 2017. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/118> acessado em 15/09/18.

Texto aprovado para publicação em 23 de setembro de 2021.